
NARRATIVAS (AUTO) BIOGRÁFICAS DE PROFESSORES/FORMADORES A RESPEITO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR NO MUNICÍPIO DE ACARAPE (CE)

Antônio Mateus Lopes de Andrade *, *Sinara Mota Neves de Almeida* **,
Elcimar Simão Martins ***, *Rejane Campos do Amaral* ****

RESUMO

Este artigo analisa as percepções de educadores das turmas finais do ensino fundamental sobre a violência no ambiente escolar na cidade de Acarape (CE), utilizando relatos (auto)biográficos como abordagem metodológica. A investigação qualitativa, de natureza exploratória, visa entender as vivências dos professores diante das manifestações de violência e examinar as estratégias pedagógicas adotadas no combate a esse fenômeno. Os dados indicam a presença frequente da violência, exacerbada por fatores estruturais e emocionais, bem como o papel ativo dos professores em fomentar ambientes de diálogo, de respeito e de escuta. Salienta-se a relevância da formação continuada e da escuta atenta como meios para a transformação das práticas pedagógicas.

Palavras-chave: violência escolar; narrativas autobiográficas; formação docente.

* Graduando em Licenciatura Plena em Matemática pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Bolsista de Iniciação Científica pela FUNCAP, BPI 04/2022. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-3357-6097>. Correio eletrônico: mateuslopes@aluno.unilab.edu.br.

** Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora Adjunta da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8183-1636>. Correio eletrônico: sinaramota@unilab.edu.br.

*** Pós-doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP). Professor Adjunto da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5858-5705>. Correio eletrônico: elcimar@unilab.edu.br.

**** Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino e Formação Docente (PPGEF-UNILAB-IFCE). Professor da Rede Pública Estadual do Ceará. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0403-908X>. Correio eletrônico: rejaneletras@gmail.com.

**(AUTO)BIOGRAPHICAL NARRATIVES:
WHAT ELEMENTARY EDUCATION TEACHERS/TRAINERS THINK ABOUT VIOLENCE IN
SCHOOLS IN THE MUNICIPALITY OF ACARAÍ (CE)**

ABSTRACT

This article analyzes the perceptions of educators in the final classes of elementary school regarding violence in the school environment in the city of Acaraí (CE), using (auto)biographical accounts as a methodological approach. The qualitative research, of an exploratory nature, aims to understand the experiences of teachers in the face of manifestations of violence and to examine the pedagogical strategies adopted to combat this phenomenon. The data indicate the frequent presence of violence, exacerbated by structural and emotional factors, as well as the active role of teachers in fostering environments of dialogue, respect and listening. The relevance of continuing education and attentive listening as means for transforming pedagogical practices is highlighted.

Keywords: school violence; autobiographical narratives; teacher training.

2

**NARRACIONES (AUTO)BIOGRÁFICAS:
QUÉ PIENSAN LOS DOCENTES/FORMADORES DE EDUCACIÓN PRIMARIA SOBRE LA
VIOLENCIA EN LAS ESCUELAS DEL MUNICIPIO DE ACARAÍ (CE)**

RESUMEN

Este artículo analiza las percepciones de educadores de los últimos cursos de la enseñanza fundamental sobre la violencia en el ambiente escolar en el municipio de Acaraí (CE), utilizando relatos (auto)biográficos como abordaje metodológico. La investigación cualitativa, de carácter exploratorio, tiene como objetivo comprender las experiencias de los profesores frente a las manifestaciones de violencia y examinar las estrategias pedagógicas adoptadas para combatir este fenómeno. Los datos indican la frecuente presencia de violencia, agravada por factores estructurales y emocionales, así como el papel activo del profesorado en la promoción de ambientes de diálogo, respeto y escucha. Se destaca la relevancia de la formación continua y la escucha atenta como medios de transformación de las prácticas pedagógicas.

Palabras clave: violencia escolar; narrativas autobiográficas; formación de profesores.

1 INTRODUÇÃO

A princípio, o município de Acaraípe, no estado do Ceará, foi escolhido como objeto desta pesquisa em razão da continuidade de estudos que se iniciaram com uma bolsa de iniciação científica, a qual já abordava temas relacionados à violência no ambiente escolar da região. Essa escolha é validada pela importância do contexto educacional da cidade, que possui características representativas de muitos cenários educacionais no Brasil. Acaraípe (CE) se destaca por suas singularidades no que diz respeito à infraestrutura escolar, aos obstáculos que alunos e professores encontram e às dinâmicas de interação no espaço educativo.

Diante disso, a realização da pesquisa neste município possibilita um aprofundamento nas reflexões e nas análises, reafirmando o compromisso com a relevância científica e a capacidade de gerar contribuições significativas para a compreensão e o enfrentamento da violência escolar em contextos similares.

As narrativas autobiográficas se consolidam por compor uma série de múltiplas possibilidades quando o pessoal dialoga com o eu social. De acordo com Reis, Monti e Ferro (2019), as narrativas autobiográficas nos permitem pensar e repensar os processos educativos a partir de lembranças vividas. Estes escritos remetem memórias que relatam o cotidiano de práticas escolares de professores e de alunos.

Ainda de acordo com os autores supracitados, o uso de narrativas autobiográficas como fonte de investigação e método de pesquisa assenta-se no pressuposto do reconhecimento da legitimidade da criança, do adolescente, do adulto, enquanto sujeitos de direitos, capazes de narrar a sua própria história e de refletir sobre ela.

Diante do contexto educacional, permitir que os estudantes narrem sobre os acontecimentos diários faz parte de todo um processo de ensino e aprendizado e, acima de tudo, do transcurso da formação humana, pelo qual com suas experiências e as experiências narradas pelos seus colegas, pode servir como uma base de aprendizado e de memórias.

Observa-se então que, é imprescindível considerar relações que o indivíduo estabelece com suas representações, crenças e valores que circulam ao seu redor, atendendo a uma infinidade de narrativas, que lhes são transmitidas e as que ele próprio elabora sobre o que acontece e o que lhe acontece.

A utilização de narrativas autobiográficas como uma abordagem de pesquisa se baseia na validade conferida a pessoas – sejam elas crianças, jovens ou adultos – como detentores de direitos e autores de seus próprios relatos. Joso (2004) identifica quatro etapas cruciais para a

criação dessas narrativas: a oralidade, a escrita, a partilha das obras e a análise crítica do conteúdo gerado. Esses componentes não apenas proporcionam uma visão das vivências experimentadas, mas também criam oportunidades para práticas de pesquisa e educação que são mais inclusivas, em harmonia com as necessidades e os desejos dos indivíduos envolvidos.

Nesse cenário, o espaço escolar representa, simultaneamente, um local de reprodução e um ponto de combate a várias manifestações de violência. De acordo com Abramovay (2002, 2015), a violência se revela de maneiras diversas: pode ser direcionada contra a instituição de ensino, ocorrer em seu interior ou resultar de práticas institucionais, como a violência simbólica. Bourdieu (1989) corrobora essa ideia ao abordar a imposição de normas e de valores que solidificam desigualdades estruturais e geram estigmas no ambiente educacional.

A importância da discussão sobre a violência nas escolas brasileiras foi reforçada por incidentes trágicos recentes e o crescimento de casos de bullying e diferentes formas de agressão, conforme indicam os dados divulgados pelo IBGE e pela Unicef (2019). Nesse contexto, entender as dinâmicas escolares, os conflitos e as abordagem utilizadas é um passo fundamental para a criação de soluções que se conectem tanto a esfera educacional quanto a social, como ressaltam Cerqueira e Bueno (2023).

Com isso, as narrativas autobiográficas emergem como ferramentas efetivas, capazes de expor os significados das experiências vividas e sugerir novas maneiras de abordar a violência escolar. Passeggi, Nascimento e Oliveira (2014) salientam a reflexividade como uma característica essencial dessas narrativas, possibilitando que os indivíduos analisem suas experiências e as reinterpretam com base em uma formação humana mais abrangente e defendendo a importância de ouvir as crianças para melhor compreender os sentidos que atribuem ao que vivenciam na escola.

Dessa forma, com base nas narrativas apresentadas, o presente estudo tem como objetivo geral compreender, a partir das narrativas (auto)biográficas, o que pensam os professores/formadores das séries finais de ensino fundamental sobre a violência no espaço escolar no município de Acaraípe (CE). Além disso, busca-se investigar como esses profissionais desenvolvem ações relacionadas ao enfrentamento desse fenômeno, analisando suas práticas pedagógicas e o papel das histórias individuais como base para possíveis intervenções no contexto escolar.

Metodologicamente, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, configurando-se como um estudo de caso. Essa metodologia possibilita uma análise aprofundada das histórias (auto)biográficas dos educadores do ensino fundamental na cidade de Acaraípe (CE), permitindo

uma compreensão crítica e reflexiva sobre suas percepções e práticas em relação à violência nas escolas. Para isso, foi empregado um questionário criado especificamente para esta investigação, que captura as nuances das vivências dos docentes, incluindo suas trajetórias, desafios enfrentados e as estratégias adotadas para lidar com a violência no ambiente escolar.

A abordagem qualitativa fornece ferramentas para entender as decisões, comportamentos e posições dos participantes, promovendo a coleta de dados ricos e significativos que se conectam diretamente com o contexto analisado. A partir das respostas recebidas, procura-se incentivar a uma reflexão crítica sobre as práticas pedagógicas atuais, além de sugerir caminhos que valorizem as narrativas pessoais como ferramentas para enfrentar as adversidades escolares.

Esse processo de investigação é notável por sua ênfase nas narrativas autobiográficas como fundamento metodológico e pelo uso de perguntas cuidadosamente formuladas, que vão desde percepções individuais sobre a violência até estratégias para criar ambientes escolares mais seguros e respeitosos. Portanto, o estudo procura mapear as ações dos educadores e realizar uma análise contextualizada que contribua para a transformação da realidade no ambiente escolar.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O desenvolvimento deste referencial teórico visa proporcionar bases conceituais que apoiam a análise das narrativas (auto)biográficas dos educadores envolvidos na pesquisa. Para uma compreensão crítica do fenômeno da violência nas escolas e da importância da formação de professores nesse cenário, é imprescindível dialogar com autores que exploram tanto a complexidade das expressões de violência no contexto educacional quanto o potencial das vivências narradas como uma ferramenta de reflexão e mudança pedagógica. A seguir, serão discutidos os conceitos principais que sustentam esta investigação.

2.1 Violência no espaço escolar

A violência nas instituições de ensino representa um fenômeno complexo que impacta de maneira direta o processo educativo, além de ameaçar a integridade física e emocional dos indivíduos envolvidos. Abramovay (2002, 2015) observa que a violência nas escolas pode se manifestar de formas diretas — como agressões físicas, insultos e bullying —, assim como de

maneira mais sutil, através de práticas institucionais que fomentam a exclusão, o silenciamento e a desigualdade. Essa categorização é crucial para entender que nem toda forma de violência é visível ou explícita, sendo frequentemente legitimada pelas próprias estruturas escolares.

Dentre os diversos tipos de violência que podem ser identificados no ambiente escolar, destacam-se a violência física (agressões entre estudantes ou de estudantes contra professores), a psicológica (ameaças, humilhações, isolamento), a simbólica (estigmatização, desvalorização de culturas e saberes) e a institucional (normas e práticas escolares que perpetuam desigualdades). Bourdieu (1989) apresenta o conceito de violência simbólica, que se refere à imposição de significados, valores e práticas através de estruturas de poder que se tornam invisíveis, mas que perpetuam hierarquias sociais. No contexto escolar, essa forma de violência pode se manifestar quando, por exemplo, o conhecimento popular é desconsiderado ou quando os estudantes são rotulados com base em seu desempenho ou origem social.

Portanto, a escola não é apenas um local de aprendizado, mas também um ambiente onde conflitos sociais e culturais são reproduzidos e, em certas situações, intensificados. Charlot (2002) ressalta que, ao se deparar com o saber escolar, o aluno confronta um sistema de valores que muitas vezes não reflete sua realidade. Essa desconexão pode resultar em frustração, exclusão e, consequentemente, em comportamentos violentos como uma forma de resistência ou de manifestação de dor.

Assim, entender a violência escolar exige uma análise que vai além dos episódios isolados, buscando investigar as estruturas, as relações e os discursos que sustentam práticas excludentes dentro da instituição educacional.

2.2 Narrativas (auto)biográficas como método de pesquisa

O uso de narrativas (auto)biográficas como uma ferramenta metodológica tem se destacado nas investigações qualitativas devido a sua habilidade de revelar as dimensões subjetivas, históricas e sociais das experiências humanas. Na área da educação, essa abordagem tem sido empregada para examinar a formação de professores, as abordagens pedagógicas e as interpretações relacionadas ao cotidiano nas escolas.

De acordo com Joso (2004), o processo de elaboração das narrativas abrange quatro etapas essenciais: a oralidade, a escrita, a partilha e a análise crítica. Cada uma dessas fases ajuda o sujeito a refletir sobre sua trajetória, perceber rupturas e continuidades, e reinterpretar suas vivências. Assim, as narrativas transcendem meros relatos do passado, servindo também

como ferramentas de formação, transformação e conscientização.

Passeggi, Nascimento e Oliveira (2014) destacam que a reflexividade autobiográfica é uma característica fundamental dessa metodologia, possibilitando que os indivíduos entendam sua identidade profissional em um contínuo processo de construção. Ao compartilharem suas experiências, os sujeitos são impulsionados a confrontar valores, reavaliar práticas e imaginar mudanças. Além disso, o ato de contar narrativas reforça a sensação de pertencimento e legitimidade, especialmente em contextos em que a voz do professor frequentemente é subestimada.

As narrativas também favorecem a valorização da subjetividade dos docentes, ao mesmo tempo que criam conexões entre experiências pessoais e coletivas. Reis, Monti e Ferro (2019) sublinham que narrar é um ato que possui dimensões políticas e pedagógicas, pois proporciona aos sujeitos a oportunidade de se posicionarem, questionarem o estabelecido e vislumbrarem outras formas de existir e se relacionar com o mundo. Em casos específicos de violência nas escolas, as narrativas tornam-se um meio de denúncia, compreensão e reconfiguração das práticas que permeiam o ambiente educacional.

2.3 Formação docente, reflexividade e resistência

A análise das vivências dos educadores se revela como um aspecto fundamental para o aprimoramento contínuo dos profissionais da educação. Através das histórias pessoais, é possível perceber não só os obstáculos enfrentados na prática profissional, mas também as táticas de resistência e de superação desenvolvidas no ambiente escolar. Essas vivências fornecem insights sobre como os docentes enfrentam a violência, reinterpretam suas funções e elaboram respostas pedagógicas diante das adversidades.

Quando a formação de professores é permeada pela escuta e pela reflexão, ela assume um caráter transformativo. Ao reconhecer o educador como um indivíduo histórico, situado e crítico, abre-se a possibilidade de práticas pedagógicas que sejam mais sensíveis às realidades sociais dos estudantes. Conforme Charlot (2002), ao ponderar sobre o significado de sua atuação, o professor pode quebrar com a lógica da simples reprodução e adotar uma postura de mediação, diálogo e escuta — elementos essenciais para a criaão de uma escola mais justa e inclusiva.

Dentro desse cenário, a narrativa autobiográfica se estabelece como um recurso de resistência contra as violências, tanto institucionais quanto simbólicas, que estão presentes no

ambiente escolar. Ela possibilita que o professor se (re)posicione, reinterprete sua trajetória e desenvolva novas maneiras de atuar. Ao contar suas histórias, o educador se transforma de um mero executor de políticas em um protagonista na construção de saberes pedagógicos, promovendo uma educação que busca a equidade, o respeito e a convivência harmoniosa.

3 METODOLOGIA

O estudo foi conduzido no município de Acarape, situado no estado do Ceará, que conta com aproximadamente 16.639 habitantes. O sistema educacional local é composto por 18 instituições de ensino, das quais 08 oferecem o ensino fundamental, 02 são centros de educação infantil, 06 funcionam como escolas anexas e 01 escola de ensino médio. A escolha desse lócus justifica-se pela continuidade de estudos anteriores realizados na região, além da relevância do contexto educacional local, marcado por desafios estruturais e sociais similares aos enfrentados em muitas outras realidades escolares brasileiras.

Sendo assim, esse cenário configura um espaço propício para a análise das práticas e percepções docentes no enfrentamento da violência escolar. Essa investigação seguiu uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório, delineando-se como um estudo de caso. Essa escolha metodológica visou compreender de forma aprofundada e contextualizada as percepções e as ações dos professores diante das manifestações de violência no ambiente escolar, valorizando as dimensões subjetivas e as experiências cotidianas dos educadores.

A construção dos dados ocorreu em duas etapas complementares. No primeiro momento, realizou-se um encontro com os professores/formadores participantes da Secretaria Municipal de Educação de Acarape, no qual foi proposta a elaboração de narrativas (auto)biográficas. Essa etapa buscou criar um espaço de escuta e reflexão, permitindo que os educadores compartilhassem livremente suas trajetórias profissionais, experiências escolares e vivências relacionadas à violência. As narrativas constituíram-se como instrumento metodológico central, possibilitando a expressão dos significados atribuídos às práticas e interações no contexto escolar.

Em um segundo momento, foi aplicado um questionário estruturado via *Google Forms*, contendo perguntas objetivas e discursivas. O formulário teve como objetivo complementar as informações obtidas nas narrativas, delineando o perfil profissional dos educadores (tempo de atuação, formação acadêmica, vínculo empregatício) e aprofundando suas percepções, estratégias e experiências diante da violência escolar. As respostas foram analisadas por meio da técnica de análise de conteúdo, buscando-se identificar categorias temáticas emergentes. A

combinação das duas ferramentas — narrativas (auto)biográficas e questionário — permitiu uma abordagem ampla e sensível do fenômeno investigado, respeitando a complexidade das vivências docentes e contribuindo para a construção de uma análise crítica e reflexiva, alinhada ao referencial teórico adotado.

4 ANÁLISE DE DADOS

A investigação de dados realizada neste estudo tem como objetivo entender as visões dos educadores do ensino fundamental acerca da violência nas escolas do município de Acaraí (CE). Para isso, é feita uma união entre relatos autobiográficos e dados coletados através de um questionário aplicado aos professores. Essa metodologia possibilita uma análise dos aspectos subjetivos das vivências profissionais, além de incluir informações quantitativas que expressam a realidade educacional.

No início da pesquisa, os educadores/formadores foram convidados a expressar sua trajetória no campo da educação através de uma ilustração durante o dia da formação no município, em que eles visualizariam os desafios que encontraram e suas experiências no contexto escolar, e qual era o papel da educação e o que ela representava. Ao examinar os desenhos e as narrativas que os acompanhavam, nota-se que muitos professores enfatizam as barreiras que enfrentaram ao longo de suas carreiras, tais como questões estruturais da instituição, desafios emocionais em face da violência, e a busca por métodos para resolver conflitos.

Essa representação não apenas captura a experiência singular de cada educador, mas também demonstra a complexidade do ambiente escolar, caracterizado pelas interações entre os estudantes, os professores e a comunidade. As ilustrações criadas a partir dos momentos de reflexão com os docentes participantes, por meio das narrativas (auto)biográficas, os formadores ao socializarem com suas produções, ressaltam nas falas o papel da educação, e o fator dela ser uma ferramenta de transformação, emancipação, superação e liberdade, sendo luz e porta para novas possibilidades e novas realidades. Durante a aplicação do questionário, apenas seis docentes colaboraram com a nossa pesquisa, o que ocasionou circunstâncias desafiadoras. É importante destacar que os educadores foram identificados por meio de códigos, sendo nomeados por pensadores e ativistas que se dedicam à promoção da cultura de paz (Dalai Lama, Eleanor Roosevelt, Mahatma Gandhi, Nelson Mandela e Paulo Freire), visando a proteção de suas identidades.

Os dados coletados, por meio do formulário, fornecem informações significativas sobre o perfil dos envolvidos, sendo a maior parte dos participantes do sexo feminino, representando o quantitativo de quatro mulheres, o que pode impactar a maneira como percebem e enfrentam a violência nas escolas. Em relação à situação de emprego, são quatro professores efetivos, enquanto dois professores estão em posições temporárias. Isso sugere que educadores com estabilidade no cargo conseguem ter uma compreensão mais aprofundada da questão, já que estão mais tempo na instituição. O tempo de ensino varia entre 15 e 20 anos, o que indica que as impressões compartilhadas são baseadas na experiência acumulada ao longo desse período.

Questionados se eles acreditam que a infraestrutura da escola tem impacto no aumento ou na redução da violência escolar e que explicassem, os docentes responderam:

Mahatma Gandhi: é interessante que os alunos tenham um momento em um local aconchegante para socialização com outros colegas, assim, uma escola que oferece uma estrutura de qualidade, com salas aconchegantes e ventiladas, banheiros limpos, com espaço para recreação, acesso a biblioteca, tudo isso pode diminuir o nível de estresse dos alunos.

Observa-se que a estrutura da escola também foi considerada pelos educadores como um fator importante na frequência da violência. Enquanto dois docentes dos entrevistados afirmaram que suas instituições possuem áreas de lazer, quatro apontaram a ausência desses espaços, dessa forma, nota-se que a falta de lugares apropriados para interação pode intensificar a tensão entre os estudantes, o que propicia conflitos no ambiente escolar. Além disso, os docentes enfatizaram que a configuração física da escola tem um impacto direto no comportamento dos alunos, sugerindo que ambientes bem-organizados e acolhedores ajudam a diminuir a ansiedade e, por consequência, a ocorrência de episódios violentos.

Os testemunhos dos professores também indicam a presença contínua da violência nas escolas. Todos os professores relataram já terem observado atos violentos, com quatro deles destacando a violência verbal como a mais prevalente, enquanto os demais mencionaram agressões físicas. O elevado índice de violência verbal sugere que a maioria dos conflitos se manifesta através de insultos, bullying e ameaças, evidenciando a necessidade de métodos pedagógicos que promovam o respeito e o diálogo. Também foi destacado por alguns educadores que o período pós-pandemia trouxe desafios específicos, pois os alunos encontraram dificuldades para se readaptar à rotina escolar e para interagir de forma saudável.

Apesar da redução da violência física, surgiram formas mais sutis de hostilidade, o que torna indispensável uma abordagem focada na prevenção e na educação. Outro ponto importante é o papel da mídia e das redes sociais na continuidade da violência nas escolas, na sequência, indagados sobre qual seria o papel da mídia e das redes sociais na perpetuação da violência nas escolas, os docentes responderam:

Dalai Lama: Infelizmente existe muito conteúdo que induz à violência contra si e ao outro e esse conteúdo seja de forma física ou bullying, é perpetrado de forma bastante envolvente o que atrai muitos adolescentes;

Paulo Freire: A mídia exerce um papel muito relevante e controverso na perpetuação da violência nas escolas. Ela pode tanto ajudar a combater o problema quanto, infelizmente, contribuir para sua intensificação. Ela pode alertar e ajudar a prevenir, mas também pode oferecer o efeito contágio que é inspirar outras pessoas a repetir os atos buscando notoriedade;

Mahatma Gandhi: Muitas vezes a violência acaba sendo disseminada rapidamente através do bullying que é visto nas mídias no cotidiano como algo natural.

Os professores reconhecem que a exposição a conteúdos violentos pode levar a comportamentos agressivos entre os estudantes. O chamado efeito de “contágio”, causado pela ampla divulgação de casos de violência, pode incitar os alunos a imitarem esses comportamentos dentro da escola. Ademais, os conteúdos disponíveis nas redes sociais muitas vezes reforçam práticas de *bullying*, dificultando a promoção de um ambiente escolar saudável.

Diante deste contexto, os educadores implementam diversas táticas para enfrentar a violência nas escolas, entre as estratégias mais mencionadas estão o diálogo e a comunicação não violenta, que são frequentemente usadas na mediação de conflitos violentos. Nesse sentido, vem sendo implementada atualmente a promoção da educação socioemocional, sendo uma prática contínua, realizada através de rodas de conversa, atividades coletivas e iniciativas que favorecem a empatia e o autocontrole, assim, colaborando para a criação de um ambiente respeitoso, é indubitável que é essencial, espaço como esses devem ser estabelecidos regras de convivência claras e reforçadas diariamente como estratégias da disseminação da violência.

A pesquisa também indicou que a colaboração entre educadores e outros profissionais da escola nem sempre ocorre de maneira eficiente. Alguns professores relataram que, em várias escolas de ensino fundamental do município, não existe um forte engajamento por parte da administração para tratar da violência, resultando na luta contra esse problema ser uma iniciativa isolada dos docentes.

Contudo, outras abordagens colaborativas, como palestras, discussões e projetos escolares, foram citadas como maneiras de trabalhar em conjunto para promover segurança e respeito no ambiente educacional. Por último, a formação continuada dos educadores foi

considerada um recurso vital para enfrentar a violência nas escolas. Todos os professores entrevistados concordam que cursos e especializações têm um papel significativo na melhoria da atuação dos educadores diante de situações conflituosas. A capacitação em técnicas de mediação, escuta ativa e inteligência emocional é percebida como um fator importante para o desenvolvimento de estratégias mais eficazes no contexto escolar. Ademais, a autocompreensão e a regulação emocional dos educadores são aspectos essenciais para manter a estabilidade e equilíbrio na escola.

A análise dos dados demonstra que a violência escolar em Acaraípe (CE) é uma preocupação contínua para os docentes, sendo predominantemente verbal. A infraestrutura escolar tem um efeito direto sobre a frequência de conflitos, enquanto a influência da mídia e das redes sociais pode intensificar a questão. Táticas como diálogo, educação socioemocional e normas de convivência são cruciais para reduzir a violência nas instituições educacionais. Além disso, a formação contínua dos professores se destaca como uma ferramenta fundamental para melhorar a gestão da violência nas escolas.

5 CONCLUSÃO

12

Esta pesquisa teve como objetivo compreender, a partir das narrativas (auto)biográficas, o que pensam os professores/formadores das séries finais de ensino fundamental sobre a violência no espaço escolar no município de Acaraípe (CE). Ao ouvir esses profissionais sobre suas experiências de ensino, foi possível identificar tanto os obstáculos que enfrentam quanto as abordagens que adotam para lidar com situações de conflito e criar ambientes mais seguros e acolhedores.

Os achados mostraram que a violência está presente no dia a dia escolar de várias maneiras — físicas, verbais e simbólicas — e que sua incidência é agravada por fatores como a precariedade das estruturas, a falta de espaços de convivência e o impacto emocional resultante do período pós-pandemia. Ademais, a influência das redes sociais na ampliação de comportamentos agressivos surge como uma preocupação constante entre os educadores.

Apesar das adversidades, os professores mostram comprometimento com práticas pedagógicas que priorizam o diálogo, a escuta ativa e a comunicação não violenta. Contudo, os dados também indicam a falta de ações institucionais adequadas e integradas, o que sobrecarrega o trabalho docente e limita as oportunidades de um enfrentamento coletivo da violência escolar. Além disso, a formação continuada se destacou como uma necessidade

compartilhada, sendo vista não apenas como uma ferramenta técnica de atualização, mas como um espaço de fortalecimento emocional, promoção da escuta juntamente com a elaboração de estratégias em conjunto. Nesse contexto, a pesquisa reafirma a relevância de investir em ações formativas que considerem a realidade enfrentada pelos professores e que valorizem suas experiências como base para a transformação educativa.

Ao concluir este trabalho, pode-se afirmar que as narrativas (auto)biográficas são ferramentas valiosas para entender os significados atribuídos à prática docente e para incentivar processos de formação fundamentados na reflexão. Ouvir os professores é reconhecer seu papel central na construção de uma escola mais justa, democrática e sensível às diferentes formas de violência. Para pesquisas futuras, sugere-se a ampliação da amostra e um aprofundamento nos estudos que conectem as narrativas docentes com as vozes dos alunos, das famílias e de outros profissionais da escola.

Além disso, seria pertinente explorar o papel da gestão escolar no enfrentamento da violência, assim como os efeitos de projetos intersetoriais em educação, saúde e assistência social. Em suma, este estudo se posiciona como uma defesa da escola como um espaço de resistência, diálogo e formação humana. A valorização da escuta, das experiências de vida e da prática diária dos professores deve ser entendida como uma estratégia essencial para repensar a educação e enfrentar, de maneira crítica e transformadora, os desafios decorrentes da violência no ambiente escolar.

13

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. **Conversando sobre violência e convivência nas escolas**. Rio de Janeiro: Edição FLACSO, 2012.

ABRAMOVAY, Miriam. **Escola e violência**. Brasília, DF: UNESCO, 2002.

ABRAMOVAY, Miriam. **Programa de prevenção à violência nas escolas**: violências nas escolas. [S. l.: s. n.], 2015. Disponível em: <http://flacso.org.br/?publication=violencias-nas-escolas-programa-de-prevencao-a-violencia-nas-escolas>. Acesso em: 2 maio 2024.

CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira. (coord.). **Atlas da violência 2023**. Brasília, DF: Ipea; FBSP, 2023.

CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**, [S. l.], v. 4, n. 8, p. 432-443, 2002.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **A condição biográfica**: ensaios sobre a narrativa de si na modernidade avançada. Natal: EDUFRN, 2012.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação:** figuras do indivíduo do projeto. São Paulo: Paulus, 2010.

JOSSO, Marie-Christine. Da formação do sujeito ao sujeito da formação. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. p. 38-61.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

REIS, Amada de Cássia Campos; MONTI, Ednardo Gonzaga Monteiro; FERRO, Maria do Amparo Borges (org.). **Narrativas (auto)biográficas:** educação, pesquisas e reflexões. Teresina: EDUFPI, 2019.

SCHILLING, Flávio. **Direitos, violência, justiça:** reflexões. 2012. Tese (Livre Docência) – Departamento de Filosofia da Educação e Ciências da Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME. **Global Study on Homicide**. Vienna: UNODC, 2019.

Recebido em: 12 ago. 2025.

Aceito em: 2 set. 2025.